

## 2 ASPECTOS CONCEITUAIS E METODOLÓGICOS

Como os estudos de eixos, em nível regional, não se constituem numa prática comum entre os economistas brasileiros, existem poucas experiências, para subsidiar um estudo desta natureza. Mesmo considerando a existência de várias teorias que tratam das questões dos desequilíbrios regionais, a opção por uma dessas teorias não, necessariamente, constitui-se num arcabouço teórico suficiente, para explicar o problema.

Assim sendo, seguindo a metodologia utilizada pelo PROEI (1974), optou-se pelo uso de conceitos, extraídos da teoria dos pólos de desenvolvimento, da economia e da geografia. Embora esses conceitos sejam citados, não significa, também, que são os únicos utilizados no estudo. A revisão de literatura possibilitou a utilização de outros conceitos igualmente importantes. Esta opção implica que há opção por alguns conceitos de uma teoria e, não, necessariamente, a utilização da teoria para explicar, sozinha, o problema.

Este Capítulo está subdividido em três seções. Na primeira, constam os conceitos que referenciam o presente trabalho. Na segunda, é definida a conformação dos dois Eixos. A terceira Seção é constituída pela metodologia utilizada ao longo do trabalho.

### 2.1 CONCEITOS

Os conceitos-chave, utilizados neste trabalho, são os conceitos de região, de pólo de crescimento, de pólo de desenvolvimento, de eixo de desenvolvimento e de agronegócio.

a) Conceito de Região

Cada região corresponde a um espaço. Para BOUDEVILLE (1973), sob a ótica dos espaços, as regiões podem ser: Região homogênea, Região polarizada ou Região-piloto. Para o autor (1973, p. 13 e 17), A Região homogênea, “Corresponde a um *espaço contínuo*, cada uma de cujas partes constituintes (ou zona) apresenta características tão semelhantes quanto possível às da outra.” A Região-piloto ou região-programa, constitui “... um espaço contíguo cujas diversas partes se encontram na dependência de uma mesma decisão, como as filiais dependem de uma matriz. Representa um instrumento colocado nas mãos de uma autoridade, sediada ou não sediada na região, a fim de que seja atingida uma meta econômica determinada.” Neste trabalho, a ótica a ser considerada é a ótica da Região polarizada. Para BOUDEVILLE (1973, p. 14):

A região polarizada não é uniforme, em razão dos próprios intercâmbios que a constituem. Define-se pelo contrário como *um espaço heterogêneo cujas diversas partes são complementares e mantêm entre si e, particularmente com o pólo dominante um intercâmbio maior do que o estabelecido com a região vizinha*. Trata-se na verdade de um local de trocas de bens e de serviços cuja intensidade interna sobrepuja em todos os pontos a intensidade externa. A região polarizada é integrada, sem ser uma autarcia.<sup>2</sup>

b) Conceito de Pólo de Crescimento

PERROUX (1967) faz uma diferenciação entre pólo de crescimento e pólo

---

<sup>2</sup> O grifo, em itálico, é do autor.

de desenvolvimento. Todavia não deixou um conceito pronto do que seja um pólo de crescimento, o que ANDRADE (1987, p. 59) o faz. Este autor, ao tratar do assunto, diz que:

Em resumo, podemos dizer que para Perroux o pólo é o centro econômico dinâmico de uma região, de um país ou de um continente, e que o seu crescimento se faz sentir sobre a região que o cerca, de vez que ele cria fluxos da região para o centro e refluxos do centro para a região. O desenvolvimento regional estará sempre ligado ao do seu pólo.

Segundo ANDRADE (1987, p. 58):

Para o Prof. Perroux, o pólo de crescimento surge devido ao aparecimento de uma indústria motriz, considerando como tal aquela indústria que, antes das demais, realiza a separação dos fatores da produção, provoca a concentração de capitais sob um mesmo poder e decompõe tecnicamente as tarefas e a mecanização. Em consequência, a indústria motriz tem, durante certos períodos, um crescimento do seu próprio produto mais elevado que o crescimento médio do produto industrial e do produto nacional.

PERROUX (1967), embora não tenha deixado um conceito pronto do que seja pólo de crescimento, no que se refere ao crescimento, o define como sendo o aumento do produto global e da renda per capita, durante um certo período de tempo.

### c) O Conceito de Pólo de Desenvolvimento

No que se refere ao desenvolvimento, PERROUX (1967, p. 179), diz: "...o desenvolvimento é a combinação das transformações de ordem mental e social duma população que lhe possibilitam o aumento cumulativo e duradouro do seu produto real

global.” Em função do seu conceito de desenvolvimento, PERROUX (1967, p. 192) admite a existência do pólo de desenvolvimento que o descreve como sendo:

O pólo de desenvolvimento é uma unidade económica motriz ou um conjunto formado por várias dessas unidades. Uma unidade simples ou complexa, uma empresa, uma indústria, um complexo de indústrias dizem-se motrizes quando exercem efeitos de expansão – por intermédio de preços, fluxos, informações - sobre outras unidades que com ela estão em relação.

ANDRADE (1987, p. 60) diz:

Creemos que os pólos espontâneos, surgidos sem obedecer a uma planificação, podem ser chamados de crescimento quando provocam o crescimento do produto e da renda *per capita* sem acarretar transformações sensíveis às estruturas regionais, e se devem chamar de desenvolvimento, quando, ao lado do crescimento do produto, provocam também modificações de estruturas que favorecem à população da região para ele polarizada. Assim, o pólo de desenvolvimento é, às vezes, espontâneo, mas quase sempre é planejado pelo homem.

Ligados ao conceito de pólo e de região polarizada, PERROUX (1967) desenvolveu outros conceitos, como o de eixo de desenvolvimento, nós de tráfego, zonas de desenvolvimento e pontos de desenvolvimento. Os nós de tráfego são os lugares onde se cruzam dois eixos de desenvolvimento. As zonas de desenvolvimento surgem onde ocorre a concentração de atividades – industriais ou primárias – em função dos efeitos de complementaridade. Os pontos de desenvolvimento são o lugar que engloba os pólos de desenvolvimento, as zonas de desenvolvimento e os eixos de desenvolvimento.

d) O Conceito de Eixo de Desenvolvimento

Para se atingir os objetivos deste trabalho, dentre os conceitos extraídos da teoria dos pólos de desenvolvimento, ora destacados, o que mais interessa é o conceito de eixo de desenvolvimento. Isso porque, dos dois Eixos estudados, apenas o Eixo B se constitui num eixo de desenvolvimento, à luz desta teoria. Segundo ANDRADE (1987, p.65-66):

Para o Prof. F. Perroux o pólo de desenvolvimento não existe como uma unidade isolada, mas está ligado à sua região pelos canais por onde se propagam os preços, os fluxos e as antecipações. ...Esta propagação feita por um caminho que liga dois pólos dá origem ao que ele chama de eixo de desenvolvimento, salientando porém que o eixo não é apenas uma estrada, um caminho e que, além disso, ligado à estrada, deve haver todo um conjunto de atividades complexas que indicam *“orientações determinadas e duráveis de desenvolvimento territorial e dependem sobretudo da capacidade de investimento adicional”*.

A existência dos eixos pressupõe a presença de outros bens complementares, como energia, crédito e competência técnica. Segundo ANDRADE (1987), um bom exemplo de eixo de desenvolvimento, em nível de Brasil, seria o eixo Rio-São Paulo ou o eixo São Paulo-Santos. Em nível regional, conservadas as devidas proporções, pode-se propor a tese de que existam os eixos de desenvolvimento, como sendo as ligações rodoviárias ligando pólos regionais, como é o caso da ligação entre Cascavel e Foz do Iguaçu. E entre Cascavel e Guaíra, embora Guaíra não seja um pólo regional, pois esta ligação, historicamente, constitui-se num eixo. Em nível regional, estas ligações podem exercer as mesmas funções que exercem os eixos, como Rio-São Paulo, em nível nacional.

e) Conceito de Agronegócio

O conceito de agronegócio é amplo. Para defini-lo, tem-se primeiro que salientar que o próprio conceito não é único. O termo pode ter outras definições, *agribusiness*, termo adotado da literatura americana, como pode, também, ser chamado de agroindústria, complexo agroindustrial ou, mesmo, de sistema agroindustrial. O conceito utilizado será o de FARINA & ZYLBERSZTAJN (1993), sintetizados por TAKITANE e SOUZA (1995. p. 1), que dizem:

Para FARINA & ZYLBERSZTAJN (1993), os termos *agribusiness*, agroindústria, complexo agroindustrial e sistema agroindustrial têm sido utilizados para designar o conjunto de atividades agropecuárias, industriais e de serviços, que mantém sinergias de caráter tecnológico, comercial e econômico, cuja matéria-prima principal venha do setor agropecuário ou cujo produto tenha naquele setor o seu mercado.

## 2.2 A CONFORMAÇÃO DO EIXO A (CASCAVEL-GUAÍRA) E DO EIXO B (CASCAVEL-FOZ DO IGUAÇU)

Esta seção é dedicada à conformação dos Eixos A e B, objeto deste estudo, embora deva-se ressaltar que, na área geográfica, compreendida pela Região Oeste do Paraná, existem outros importantes eixos. A definição dos eixos segue a orientação inicial do PROEI – Projeto Técnico Econômico dos Eixos Industriais do Paraná, realizado pelo IPARDES, em 1974; as definições de PERROUX (1967) e a proposição de que foram as trilhas dos

ervateiros, utilizadas pelos colonizadores, que originaram as ligações rodoviárias que, por extensão, deram origem aos eixos estudados.

O surgimento dos eixos A e B está ligado, primeiro, conforme já comentado, ao processo de ocupação da Região Oeste do Paraná, ocorrido a partir da década de 1870, por empresas argentinas, sob a forma de concessão. As trilhas construídas por essas empresas, em meio à mata, foram, posteriormente, utilizadas pelos colonizadores. Segundo, ao processo de colonização, iniciado nos anos 1940, a partir dos quais algumas dessas trilhas transformaram-se nas principais ligações rodoviárias existentes atualmente na Região.

Com o fim do ciclo da erva-mate e o fim das concessões aos chamados obrageiros - que eram os donos das obrages<sup>3</sup>-, ocorridos na década de 1940, a Região Oeste do Paraná passou a receber migrantes vindos, basicamente, de quatro regiões: do Norte e do Sul do Paraná, da Região Serrana do Rio Grande do Sul e do Oeste de Santa Catarina.

A corrente migratória sulina, predominante na Região, ao adquirir as terras da Fazenda Britânia e fundar a Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S.A. – Maripá, em 1946, iniciou o processo de colonização da Região Oeste do Paraná. Esta colonização se iniciou em terras do atual Município de Toledo. Como consequência do avanço da colonização, em 14 de novembro de 1951, através da Lei Estadual nº 790/51, foram criados os Municípios de Cascavel, Toledo e Guaíra, desmembrados do Município de Foz do Iguaçu e o Município de Guaraniaçu, desmembrado do Município de Laranjeiras do Sul. A partir de

---

<sup>3</sup> Segundo Wachowicz (1982, p.11): A obrage era uma propriedade e/ou exploração típica das regiões cobertas pela mata subtropical, em território argentino e paraguaio. Sua existência baseava-se no binômio: mate-madeira. ...Sua estrutura e terminologia é típica do mundo hispano-platino: obragero, mensu, anticipo, comissionista, límite, picaras, etc.



Foz do Iguaçu e Guaíra sempre tiveram uma ligação natural composta pelo rio Paraná. Esta ligação fluvial era interrompida num trecho de 70 quilômetros, a partir das Sete Quedas até o Porto Mendes, onde as águas do rio Paraná se tornavam impróprias para a navegação. Isso pelo fato do rio Paraná que, em Guaíra, tinha, aproximadamente, 3,8 quilômetros de largura, a partir das Sete Quedas, numa extensão de aproximadamente 70 quilômetros, concentrava-se em um canal de águas revoltas com aproximadamente 100 metros de largura e 140 metros de profundidade.

Como Cascavel era e continua sendo o centro urbano regional, localizado em um ponto mais estratégico, às margens da Estrada Estratégica Federal, ligando Curitiba a Foz do Iguaçu e no entroncamento das antigas trilhas dos ervateiros, acabou se transformando, posteriormente, no principal entroncamento rodoviário da Região, com ligação para Curitiba, Foz do Iguaçu, Guaíra, Norte e Sudoeste do Estado do Paraná, Oeste de Santa Catarina e Rio Grande do Sul.

No Município de Toledo, foi instalado o núcleo de colonização que, segundo Mellos (1988), conseguiu fazer predominar na Região seu modo de produção agrícola e sua cultura. A colonização dessas terras, baseada na pequena propriedade voltada para a produção de cereais e criação de animais, especialmente milho e suínos, respectivamente, reproduzida pelos migrantes vindos do Sul do País, deu um dinamismo inicial ao Eixo A e iniciou a especialização dessa microrregião nas atividades voltadas ao que, modernamente, conhece-se por agronegócio.

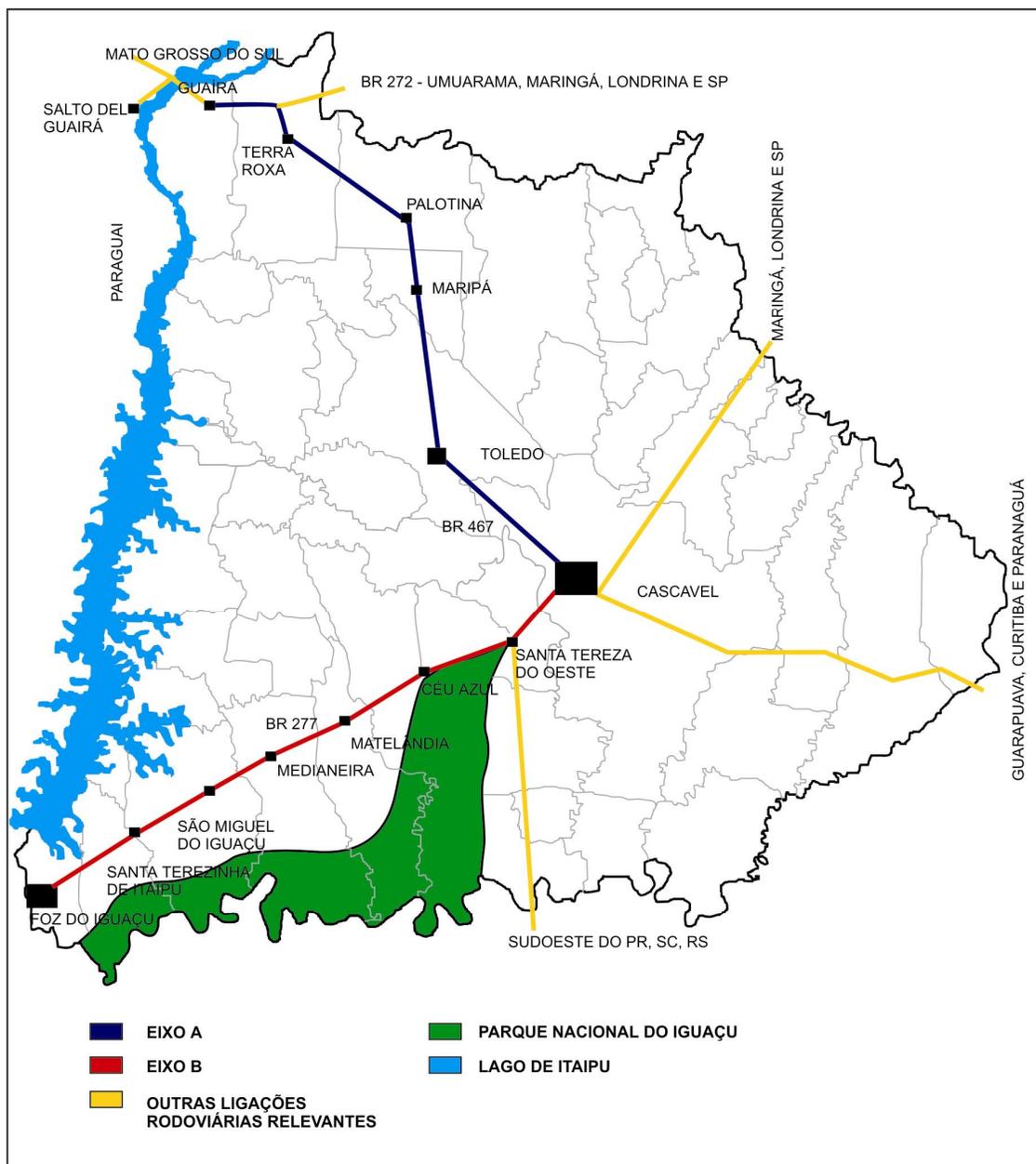
A colonização da Região de Toledo, pela Industrial Madeireira Colonizadora Rio Paraná S. A. – MARIPÁ, contribuiu para criar, entre Toledo e

Guaíra, uma ligação rodoviária passando pelos atuais Municípios de Quatro Pontes, Marechal Cândido Rondon e Mercedes e outra ligação passando pelos atuais Municípios de Maripá, Palotina e Terra Roxa. Esta última é a ligação rodoviária que se optou, neste trabalho, para constituir o Eixo A, no trecho entre Toledo e Guaíra. O Eixo B está ligado exclusivamente à existência da BR 277, única ligação rodoviária existente entre Cascavel e Foz do Iguaçu, conforme FIGURA 1.

O IPARDES – Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social, através do PROEI (1974), seguindo orientação de estudos realizados anteriormente no Paraná, como Política de Desenvolvimento Urbano - PDU-PR (1974) e Estudo de Integração de Pólos Agro-industriais do Paraná, conforme será melhor discutido no Capítulo 3, admitiu a existência de três eixos industriais no Paraná, sendo um eixo industrial na Região Oeste, no trecho entre os Municípios de Cascavel, Toledo, Marechal Cândido Rondon, Mercedes e Guaíra. O Eixo Cascavel-Foz do Iguaçu, conforme comentado anteriormente, não foi mencionado no estudo. Os demais eixos industriais são o Eixo Leste – que liga Ponta Grossa-Região Metropolitana de Curitiba-Paranaguá e o Eixo Norte que liga Maringá a Londrina.

Neste trabalho, será considerado o Eixo B como sendo o trecho às margens da BR-277, desde a cidade de Cascavel até a cidade de Foz do Iguaçu. O Eixo A será considerado o trecho às margens da BR 467, desde a cidade de Cascavel até a cidade de Guaíra, passando por Toledo, Maripá, Palotina e Terra Roxa. Podia-se considerar este eixo como sendo o trecho que liga Cascavel a Guaíra, passando por Toledo, Quatro Pontes, Marechal Cândido Rondon e Mercedes.

FIGURA 1: Eixo A e Eixo B



Fonte: Editado pelo Autor com base no mapa digitalizado por GEOLAB Unioeste Campus Cascavel.

Todavia a opção se justifica por que o surgimento dos Eixos está relacionado à sua formação histórica como resultado da existência de ligações rodoviárias. E estas como uma herança dos períodos de ocupação e de colonização da Região.

O fato de existirem duas opções para compor o Eixo A se constitui na segunda limitação do trabalho. Além dessas duas opções, pode ser considerado o Eixo A como formado, ainda, pelas duas ligações rodoviárias, tanto a que passa por Palotina, quanto a que passa por Marechal Cândido Rondon. Assim entendido, fatalmente o desempenho do Eixo A seria superior ao apresentado.

A ligação entre Cascavel e Guaíra, no trecho compreendido pelo Eixo A é denominada de BR 467, designação adotada, também, neste trabalho. Todavia a BR 467 liga somente Cascavel a Toledo. A ligação de Toledo a Palotina denomina-se PR 182. A ligação de Palotina a Terra Roxa é feita pela PR 364. A ligação de Terra Roxa a Guaíra é feita através da PR 487, que liga Terra Roxa ao entroncamento com a BR 272 e, através da BR 272, que faz a ligação de Guaíra com Francisco Alves. De Francisco Alves a Umuarama, a estrada é estadual.

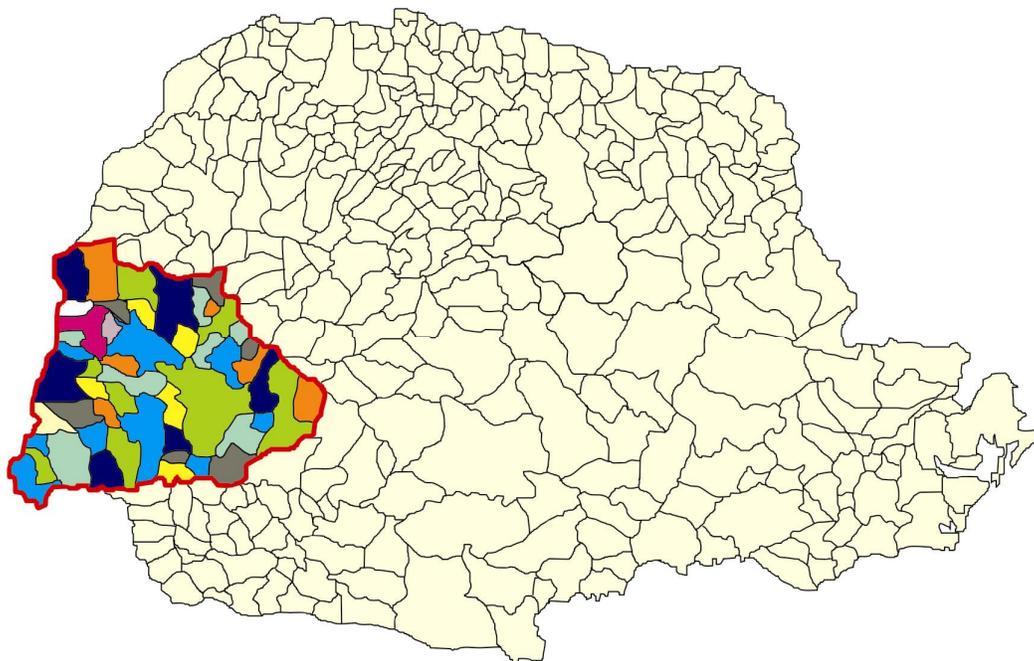
### 2.3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

Esta seção é dedicada à metodologia utilizada no trabalho, sendo delimitada a área geográfica de estudo e apresentada a forma como o estudo foi realizado.

### 2.3.1 Delimitação da Área Geográfica de Estudo

A área geográfica compreendida por este estudo, trata-se da área dos municípios da Região Oeste do Paraná, representada pelo MAPA 2 que fazem parte dos Eixos A e B (já apresentados na FIGURA 1).

MAPA 2: Mapa do Paraná, destacando a Região Oeste do Paraná, em 2000.



Fonte: [http://www.ipardes.gov.br/anuario2000\\_evolucao.html](http://www.ipardes.gov.br/anuario2000_evolucao.html). Editado por PERIS. A.F., 2001.

### 2.3.2 A Execução do Estudo

Para a realização do estudo, foi efetuada uma revisão de literatura sobre desequilíbrios regionais, sobre estudos de eixos, sobre os principais fatos históricos que marcaram a Região, desde o século XVI e, finalmente, sobre os impactos dos fatores externos

sobre a Região. No que tange à primeira questão, a opção pela teoria dos pólos de desenvolvimento proporcionou a definição dos conceitos básicos já destacados.

No que se refere aos estudos de eixos, identificou-se o estudo dos Eixos Nacionais de Integração, realizado pelo Consórcio Brasileira; o trabalho de Clélio Campolina Diniz, que trata da dinâmica regional recente da economia brasileira e suas perspectivas e o PROEI (1974) que admitiu a existência de três Eixos Industriais no Paraná. Essa revisão de literatura compõe o Capítulo 3 que conta também com algumas inferências sobre a Região Oeste do Paraná, feitas a partir da revisão desses trabalhos, bem como do trabalho de Carlos Américo Pacheco, que trata da desconcentração industrial no Brasil e do trabalho do IPEA que discorreu sobre as Redes urbanas regionais, mais especificamente, sobre a série Caracterização e Tendências da Rede Urbana do Brasil.

O resgate histórico, que compreendeu o período de 1514 até a década de 1950, subsidiou as discussões realizadas no Capítulo 4. Para isso, foi realizada uma pesquisa histórica nas bibliotecas e museus existentes na Região, com a finalidade de se identificar os principais fatos responsáveis pela formação da Região Oeste do Paraná e dos Eixos A e B.

Além do auxílio da literatura existente, foi efetuada uma pesquisa bibliográfica e uma pesquisa de campo, incluindo entrevistas com moradores da Região e visitas a Museus, com a finalidade de entender a influência dos fatores exógenos ocorridos desde 1960 até os dias atuais, sobre a dinâmica e o desempenho dos dois eixos estudados, que resultou no Capítulo 5. Neste Capítulo, tal qual no Capítulo 6, o trabalho do IPEA – Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada foi igualmente importante.

A escolha de fatores exógenos se deu por conta de que a identificação de suas influências sobre a Região e sobre os eixos estudados são mais facilmente perceptíveis, resultando em uma análise mais completa. O mesmo não acontece com os fatores endógenos, uma vez que estes estão ligados a questões de ordem cultural, política, étnica, entre outras, cujas influências são de difícil interpretação.

Por último, foi efetuada uma pesquisa em órgãos públicos como o IBAMA, o IAP, o IPARDES, o IBGE, o DETRAN, a COPEL, a COHAPAR, a Assessoria de Imprensa da ITAIPU BINACIONAL, as bibliotecas da Universidade Federal do Paraná, da Universidade Estadual do Oeste do Paraná e da Universidade Estadual de Maringá, com a finalidade de obter dados para montar as tabelas, representadas pelo ANEXOS I e II. As tabelas do Anexo I fundamentam as discussões do Capítulo 5. O ANEXO II está totalmente voltado para caracterizar a dinâmica e o desempenho dos dois eixos estudados, desde 1960 até o ano de 2000 e que constituem o Capítulo 6.

As Tabelas, que estão nos ANEXOS I e II, foram montadas com as informações disponíveis desde 1960 até 2001. Os Censos Agropecuário e Populacional são os únicos que trazem dados desde 1960. Como as áreas dos eixos sofreram alterações, em virtude do processo de fragmentação territorial ocorrido na Região Oeste do Paraná, que passou de 5 municípios, em 1960, para 50 municípios, em 2000, a caracterização da dinâmica dos Eixos A e B se dá usando a informação mais recente. Esse critério impede que se compare informações referentes a períodos cujas áreas dos eixos eram diferentes. Não há, portanto, como comparar o desempenho de algumas variáveis ao longo de uma série, pois em cada ano a área do eixo era diferente. Este fator pode ser considerado a terceira limitação deste trabalho.

A apresentação dos resultados obedece ao critério de seleção em três grupos: Cascavel, Eixo A e Eixo B. Assim, foram montados os QUADROS 6.1.1 e 6.1.2 para apresentar os resultados das variáveis gerais, ou seja, aquelas que são comuns às áreas rural e urbana dos municípios. As variáveis gerais analisadas são: população, PIB total, PIB per capita, valor adicionado fiscal, consumo total e per capita de energia elétrica, recebimento de royalties de Itaipu, volume de depósitos bancários, volume de crédito bancário e pessoal ocupado.

Os QUADROS 6.2.1 e 6.2.2 mostram os resultados da análise das variáveis agropecuárias, subdivididas em variáveis agrícolas: produção e produtividade de milho, soja e trigo, por hectare; em variáveis pecuárias: rebanhos de bovinos, suínos e frangos e em demais variáveis que são comuns, tanto às atividades agrícolas, quanto às atividades pecuárias: participação no PIB agropecuário do Estado e consumo de energia elétrica no setor rural.

Os QUADROS 6.3.1 e 6.3.2 mostram os resultados da análise das variáveis urbanas: consumo total e per capita de energia elétrica no setor industrial, consumo de energia elétrica em outros setores e participação no PIB industrial e de serviços do Paraná. Em todos os QUADROS, de 6.1.1 a 6.3.2, os resultados são sempre referentes às últimas informações disponíveis.